

Olho neles

Gente que ainda vai dar o que falar

Olavo Rufino



LUÍS CARLOS VELHO A ciência como arte

Pelo menos na televisão, atrás de um grande *designer* há sempre um analista de sistemas. Exemplo: as maravilhosas invenções de Hans Donner, o mago das aberturas e vinhetas da Globo, precisam ser, antes de mais nada, viáveis. Luís Carlos Velho, 33 anos, é um dos que garantem isso. Seu cartão internacional o identifica singelamente como *software engineer*. Isso pode ser traduzido como analista de sistemas ou engenheiro de *soft*. Mais precisamente, ele é o responsável pelos sistemas da GCG (Globo Computação Gráfica), um especialista que pesquisa novos recursos e efeitos visuais. Formado pela PUC e pela Esdi, no Rio, oscilando entre a matemática e a artes visuais, Luís Velho sempre foi fascinado pela possibilidade de conciliar a expressão com a técnica. No final dos anos setenta, estudou no *National Film Board*, do Canadá, fundado por Norman MacLaren, depois cursou o renomado MIT (Massachusetts Institute of Technology), onde a computação gráfica nasceu. Em seguida passou dois anos em Nova Iorque, na produtora *Fantastic Animation Machine*, onde desenvolveu o sistema tridimensional de computação gráfica. Luís Velho é, portanto, um precursor em seu campo. Há três anos trabalha com a TV Globo. Aquele efeito de água na abertura do Especial Tina Turner, por exemplo, é coisa sua. Está agora perseguindo simulações eletrônicas mais elaboradas: sombreados, volumes maleáveis, nuvens, texturas impalpáveis. Requite visual é com ele.